

O PLANO, PARTE ÁPEIRON

Eduardo Guereiro B. Losso¹

Autor: Plim, inimigo número 1 de Eduardo Guerreiro

¹ É professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, e editor da Revista.doc.

“For, it is not so much absence, ‘pure negativity’, that ‘I’ – this ego cogito – find so terrifying, as it is the ‘impurity’ of apeíron.”

Steven M. Rosen

“Platão crê falar em nome da razão, mas a verdade é que a razão, longe de espelhar qualquer idéia em particular, identifica-se com o ápeiron. Nesse sentido, Anaximandro é mais moderno que Platão.”

Antonio Cicero

O plano é indeterminado e ilimitado.

Pausa para pegar um livro de Anaximandro (o famoso pré-socrático) que encontrei num sebo de um dos planetas da galáxia de Magalhães, a pequena. Lá encontramos todos os livros perdidos da terra. Há uma lei cósmica ainda não descoberta pelos cientistas que postula todo livro perdido da terra se teletransporta facilmente para bibliotecas e sebos mais baratos de Plutente (é o nome do planeta). Aliás, todos os 'livros' perdidos de todo o universo estão lá à venda, seja lá o que se entenda por 'livros' em outros planetas e galáxias, dentro e fora do buraco negro e do buraco de minhoca e do buraco de pipoca. Mas esse é um outro assunto que não vamos abordar aqui. É necessário dizer que lá há o inverso desta lei, ou seja: todos os livros encontrados não podem nem devem se materializar lá, quer dizer, um habitante de Plutente não conhece rigorosamente nenhum livro que foi criado e mantido na terra, somente os perdidos. Portanto, A comédia de Aristóteles, o ensinamento não escrito de Platão (que foi materializado num livro escrito, assim como os Seminários de Lacan por aqui) as obras completas de todos os pré-socráticos (menos os fragmentos daqui), as obras completas de todos os sábios do Egito e de a Atlântida são parte essencial da cultura plutenesca.

Mas como eu estava dizendo, o plano é indeterminado. Anaximandro sabia do plano. Ele roubou de mim, viajou no futuro, leu este livro todinho escondido de mim, enquanto eu dormia, e passou para sua obra em Plutente.

A fundação de todas as coisas está em meu plano. Ele ainda não foi criado, determinado, por mim, porque ele não deve ainda ser determinado. Nesse primeiro momento do plano ele se mantém igual a si mesmo. Ele é a não-realidade do plano planejando-se na minha intuição. No segundo momento, a ser realizado no futuro, ele se diferencia de si mesmo, determina-se, para dizer o ilimitado nos termos do limitado.

O plano ordinário, como entendemos normalmente, é um projeto determinado mas ainda não realizado. O meu plano, contudo, no segundo momento, é o projeto determinado de realização do indeterminado, quer dizer, de destruição da realidade. Ele toma uma forma determinada para que o indeterminado domine o reino do mundo limitado e o anule. Mas antes que isso se faça é preciso trabalhar longa e arduamente com vistas a preparar sua vinda.

Antes que ele venha, é preciso contar a sua história. A história da vinda futura do plano, que permeia tudo o que acontece no mundo determinado, deve ser concebida e narrada para que ele finalmente venha. Ela o atrai, quase que o pesca. A história do plano é o seu próprio anzol.

E a vinda do passado para o nosso presente, de Anaximandro, faz parte dessa história. Ele seria mais um reles discípulo de Tales, levado pelas águas de seu tempo, se não aparecesse em meu quarto lendo exatamente esse trecho que o senhor leitor acabou de ler. Foi depois disso que ele postulou que a *arché* primordial não é nada concreto, mas sim o *ápeiron*, o ilimitado. De fato, seu roubo de minha idéia faz parte da minha idéia. Fazia parte do plano que ele se apropriasse de parte do plano. Assim, parte do plano iniciou a filosofia ocidental e a filosofia ocidental passou a fazer parte do plano, desde sempre. Além disso, a filosofia ocidental inteira se desenvolveu para que eu, a partir da parte do plano que foi roubada de mim, a descobrisse pela primeira vez estudando-a como algo fora de mim, para que eu me apropriasse dela, para que eu a concebesse reconcebendo-a agora e para que finalmente a apropriação reapropriante de minha idéia - parte do plano - chegasse finalmente a produzir o impulso decisivo de elaborar todo o plano a partir da história da filosofia, que não é nada mais do que um mero suplemento de parte dele.

Curiosamente, todo o resto do livro de Anaximandro que eu achei de novo em Plutente contém outras partes do plano, mas que não fizeram parte da história da filosofia. O livro dele contém praticamente um quarto do plano. Logo, o fragmento recuperado de

Anaximandro é apenas parte da parte do plano, a filosofia ocidental é um adendo da parte da parte.

Não ouçam Eduardo Guerreiro Losso, o editor desta revista insignificante, quando afirma que tudo o que eu escrevo não passa de má literatura e pretensa filosofia. Ele também é parte do plano, a parte que é contrária ao todo. Foi por causa dele que Anaximandro conseguiu entrar no meu quarto, ligar o computador, salvar no pendrive e divulgar o manuscrito na .doc. Foi uma aliança espúria de dois salafrários: Eduardo Losso usou Anaximandro para que o texto fosse publicado em sua revista, como que tentando alavancar sua pretensão de ser escritor, embora todos saibam que ele só serve mesmo é para ser mais um professor adjunto universitário. Por outro lado, Anaximandro precisava de Mr Losso para chegar ao texto.

O leitor deve estar se perguntando: mas afinal, como Anaximandro conseguiu sair de seu tempo originário grego e cair em pleno pós-pós-pós-modernismo do sec. XXI?

Simples: ele foi notificado pelos habitantes de Plutente que deveria dar o passo decisivo para introduzir a história da filosofia: determinar o conceito de indeterminado, ilimitado, infinito. É essa, aliás, a realidade surreal que eles vivem, sem espaço nem tempo nem coisa nem pensamento nem linguagem nem existência *nem o nem*. Logo, a descrição da realidade de Plutente, o *apeíron*, deveria dar o passo inicial da história da filosofia. Não me pergunte como eles podem entrar e sair de nossa dimensão nem que tipo de bibliotecas e sebos lá existem. É claro que eu sei, mas simplesmente não vou dizer. Quem sabe no próximo texto que Mr. Losso roubar de mim.

Erich von Däniken insiste que a cultura humana só existe por causa da intervenção extraterrestre, mas o fato é que eles trabalharam mesmo é para o advento da filosofia.

A filosofia vem dos extraterrestres, daí a especulação, a abstração, a metafísica; daí a loucura de Nietzsche, a teologia negativa, as inúmeras negatividades que se multiplicam a cada novo Heidegger, Adorno, Derrida, Agamben espertinho e perspicaz. Hah, mas falta explicar objetivamente como isso aconteceu.

Os Plutenescos abduziram Anaximandro logo depois de uma longa discussão peripatética com Tales. Disseram a ele que Plutente continha um portal de acesso ao oceano do atemporal, por isso eram capazes de sair e entrar em qualquer momento da

nossa história. Mas eles observaram que precisavam inventar um meio de introduzir no tempo as condições de aparecimento dos volumes completos dos pré-socráticos que eles possuíam desde sempre.

Como eu sou o inventor do Plano, aquele que vai justificar a filosofia, a humanidade, o tempo e o universo, eles observaram que um quarto do Plano estava nas obras completas de Anaximandro, o resto faltava. Mas desde sempre sabiam que a obra de Anaximandro era a minha, pois assistiram a toda a história da humanidade como um filminho de seção de tarde da existência atemporal, só não conseguiram capturar as obras que se mantiveram aqui. Viram que fui eu quem as escreveu, assistiram o filme de minha escrita se produzindo exatamente como ela está se fazendo aqui e agora, em seu fluxo heraclítico. Então desejaram encontrar a outra metade. Chamaram Anaximandro para realizar o grande crime. Disseram para se encontrar com Mr. Losso, outrora grande amigo meu e hoje arqui-inimigo, quer dizer, o melhor intermediário entre minha existência genial e o atemporal. Roubaram o manuscrito digitalizado que o senhor leitor agora toma conhecimento.

Contudo, o manuscrito, precisamente, diz que eles não podem ler o que em Terra foi publicado. Por quê? Simples: se eles não fossem vítimas dessa proibição, eles não teriam por que roubar o meu texto. Isso explica o fato de que quando tentam ler os livros no filminho do tempo, eles estão censurados com uma bolota preta na tela, como se contivessem conteúdo erótico. Mas eles se vingaram: todos os livros perdidos da humanidade foram, na verdade, roubados por eles.

Agora o senhor leitor sabe que o manuscrito publicado na .doc é justamente uma das partes principais de meu romance-tratado-plano, mais uma daquelas que eles desconhecem. A parte que eles detêm é a que não será publicada.

Só duas pessoas sabem de (quase) tudo: eu e Mr. Losso. Ele leu (quase) tudo, resolveu publicar essa parte (além das outras passadas, ainda publicará outras futuras) e devolveu o resto para Anaximandro, *traindo-o*.

Devo muito a meu arqui-inimigo: sem ele, o Plano não teria se realizado. Ele sabe que o todo do romance explica as partes, por isso publicou uma misérrima parte (esta) e devolveu o resto.

O que ele ainda não sabe, e sabe que não sabe, é que o manuscrito digitalizado já estava preparado para ser roubado. Há ainda algo mais, não no computador, não na Internet,

não em Plutente, porém em meu foro interior, em meu Pensamento, em e para mim mesmo: em minha voz interna.

É só uma frase, que eu não escreverei jamais.

Sobre o que ela é? Como chegar em Plutente sem que seus habitantes o percebam.

Não pretenda adivinhar.

Ela é indeterminada,

ilimitada.

